

O papel do WhatsApp nas eleições de 2022: uma análise do bolsonarismo

Felipe Soderini ERLICH¹

RESUMO

O presente trabalho realiza análises qualitativa e quantitativa de mensagens enviadas em grupo de WhatsApp pró-Bolsonaro no contexto da eleição de 2022. Mais precisamente, o monitoramento do grupo se deu entre 16 de agosto, início da campanha eleitoral, e primeiro de novembro, dia em que o presidente Jair Bolsonaro se pronunciou após ser derrotado por Luiz Inácio Lula da Silva. O propósito da análise é compreender quais foram as técnicas comunicacionais utilizadas pela militância bolsonarista via WhatsApp durante o período eleitoral e a maneira como interagiram uns com os outros na rede. De maneira mais ampla, esses dados netnográficos se mostram indicativos de como esses indivíduos concebem a atual conjuntura política e atuam nesse campo.

PALAVRAS-CHAVE: bolsonarismo; WhatsApp; eleição; netnografia; nova direita.

Introdução: contexto político e tecnológico do bolsonarismo

Como sacramentado pelas eleições gerais de 2018, as mídias digitais ocupam um espaço central na construção da realidade política brasileira, moldando o imaginário nacional acerca da esfera pública e ressignificando conceitos que antes possuíam maior consonância entre diferentes parcelas do eleitorado. Naquele ano, um candidato que, durante 27 anos, operou às margens do plenário da Câmara dos Deputados, no chamado baixo clero da casa legislativa, e cujo tempo de propaganda eleitoral gratuita, em rádio e televisão, era ínfimo em comparação ao de seus principais adversários, chegou ao mais alto cargo da República. Dessa conjuntura então inédita na história brasileira, concluiu-se que o modus operandi de Jair Bolsonaro, permeado pela instrumentalização massiva do digital a fim de desinformar o eleitorado (SANTOS, FREITAS, SANTOS, CUNHA; 2019), teve efeito definitivo em sua vitória. Noutro recorte no tempo, o da campanha eleitoral de 2022 à presidência do país, as mesmas mídias apresentaram relevância e funções comparáveis às de quatro anos antes, de modo a perpetuar características da lógica comunicativa do bolsonarismo mesmo que, em última instância, tenha sido menos exitosa dada a derrota de Bolsonaro nas urnas.

¹Graduando em Jornalismo na Faculdade Cáspier Líbero, e-mail: felipe.erlich@al.casperlibero.edu.br

Dentre as múltiplas plataformas digitais pertencentes ao rol de ferramentas eleitorais do bolsonarismo, há de se dar atenção especial ao estudo particular de redes para a troca instantânea de mensagens. Com ampla penetração popular, tais mecanismos constituem o campo mais prolífico da desinformação política. No contexto tecnológico brasileiro, destacam-se o WhatsApp e o Telegram, respectivamente. O presente artigo se debruça especialmente no estudo da primeira plataforma, a mais popular dentre todas as redes sociais no Brasil. Segundo pesquisa² do instituto Datafolha realizada em março de 2022, 92% dos internautas possuem uma conta no WhatsApp ante 24% no caso do Telegram. De todo modo, os pontos em que as redes se diferem fazem de sua comparação mútua merecedora de elaboração mais à frente.

Por mais que o uso político-eleitoral das plataformas para envio de mensagens não seja de modo algum exclusivo do bolsonarismo, este campo político é protagonista da prática em questão. Tal apropriação por parte dessa ideologia das técnicas de comunicação digital a aproxima de demais representantes da Nova Direita global. Notoriamente, a recente renovação do campo da direita, seja no Brasil ou em países como os Estados Unidos da América, infere não apenas na perda de apreço pelo regime democrático por parte desse campo, mas também no uso estratégico das ferramentas características do século XXI, ligadas à internet.

O desejo de volta a um passado supostamente glorioso presente em manifestações da Nova Direita a confere tom reacionário. No caso brasileiro, o saudosismo em relação ao período da ditadura militar (1964-1985) é exemplo do aspecto reacionário do bolsonarismo. Dando um passo além, a descrição mítica da ditadura por essa ideologia também a aproxima da construção histórica do fascismo (STANLEY, 2018). Outras características do pensamento pró-Bolsonaro que também integram a natureza fascista incluem o anti-intelectualismo, a defesa de medidas repressivas contra “adversários naturalmente maus” a fim de preservar a ordem, além da adoção de discursos comprovadamente desconexos da realidade (STANLEY, 2018).

Mesmo que expoente daquela que é uma das tendências políticas mais marcantes deste século, a Nova Direita, o bolsonarismo apresenta um arcabouço discursivo particular que o diferencia de qualquer grande manifestação política da história do Brasil. Destacam-se:

- i) em relação à economia, por visão de orientação neoliberal, marcada por uma postura radicalmente não intervencionista do Estado no mercado; ii) em relação às desigualdades socioculturais, por pautas conservadoras no âmbito comportamental e pela defesa da ingerência do Estado nas escolhas privadas de indivíduos e famílias em questões relativas à

²Acesso: <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2022/07/94-tem-conta-em-alguma-rede-social-whatsapp-ldera-com-92.shtml>

orientação sexual, religiosa, cultural e educacional; iii) no âmbito da democracia, por hostilidade ao sistema político e à forma pela qual a representação política é desempenhada no país, buscando suprimir discursos e partidos políticos opositoristas. (TANSCHKEIT, SANTOS; 2018)

Por óbvio, as razões por trás da força eleitoral da nova direita brasileira são múltiplas. Contudo e apesar de todos os seus ineditismos já apresentados, há mais um elemento de importante menção. O bolsonarismo consiste na mais bem sucedida tentativa de uma ideologia de direita em mobilizar massas populares do país. Agremiações de inclinação relativamente direitista que marcaram a história, como a União Democrática Nacional (UDN) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) não despertaram o mesmo entusiasmo de parte das classes sociais mais baixas, especialmente da chamada classe C. Apesar de não ser a primeira escolha da população pobre do país, as classes D e E, esta sendo Luiz Inácio Lula da Silva³, a capacidade de mobilização de eleitores de renda relativamente baixa por Jair Bolsonaro é notável em perspectiva histórica. Um ponto em que Bolsonaro se distingue das direitas que o antecederam é justamente seu uso do aparato digital, antes não existente ou inacessível. Uma vez convencido através das mídias digitais de que a narrativa bolsonarista é a verdadeira, um eleitor pode se alienar de quaisquer outras fontes de informação e aderir a algo que não está necessariamente alinhado a seus interesses. A premissa vale para eleitores de baixa renda, tradicionalmente difíceis de serem cativados pela direita.

As recentes transformações no imaginário político brasileiro, que se inclinou à direita em parte devido à instrumentalização das redes digitais por esse campo, são tamanhas que a defesa aberta da desigualdade entre os indivíduos se tornou mais socialmente aceita. Elencada por Norberto Bobbio (1994) como a característica definidora da direita política, a valoração positiva da desigualdade era há pouco quase universalmente rechaçada no Brasil. Com a guinada à esquerda do país a partir da Constituição Cidadã de 1988, culminando na ascensão de partidos então progressistas, o Partido dos Trabalhadores (PT) e o PSDB, o conservadorismo perdeu fôlego no debate público. Em meio à instrumentalização das mídias digitais em seu favor, a direita voltou a ser “pop”. Em 2018, com a eleição de Bolsonaro à presidência, o processo chegou ao ápice.

A fim de analisar a atividade bolsonarista em grupos de mensagens durante o período eleitoral de 2022, este artigo se encontra dividido em três seções. São elas: esta introdução e contextualização, a metodologia de pesquisa, a apresentação e análise dos achados, e, por fim, relato de episódio indicativo de perspectivas para o bolsonarismo.

³Pesquisa DataFolha para o segundo turno presidencial: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2022/10/31/intencao-de-voto-presidente-2-turno.pdf>

Metodologia

Dada a importância que o WhatsApp teve para a difusão de ideais bolsonaristas no período que antecedeu a eleição presidencial de 2018, de modo a contribuir para a vitória de Jair Bolsonaro, esta pesquisa partiu de inquietação referente a como seria o comportamento desse ambiente digital no contexto da campanha pela reeleição do presidente. Assim, foi estabelecido que o período de análise da atividade bolsonarista na plataforma teria início no dia 16 de agosto deste ano, data seguinte ao limite de registro de candidaturas, quando se iniciou a campanha eleitoral como oficializada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Por mais que o acompanhamento da atuação de simpatizantes do presidente nas redes sociais seja sempre cientificamente intrigante e revelador, esta análise necessitou que seu encerramento também fosse delimitado. Nesse sentido, constam aqui observações extraídas entre 16 de agosto e primeiro de novembro de 2022, data em que, após dois dias de relutância, Bolsonaro se pronunciou frente à sua derrota nas urnas.

Uma vez que o recorte de tempo no qual a pesquisa se concentrou é considerável, optou-se por acompanhar com afinco um grupo, não vários. A fim de conseguir adentrar no universo online em questão, que é estranho ao pesquisador e seu círculo social, iniciou-se uma busca por grupos públicos, do tipo que se consegue entrar através de um link de compartilhamento, sem a necessidade de ser convidado diretamente. Tratou-se da primeira e mais importante característica almejada ao grupo que seria analisado. Entretanto, outros fatores também foram buscados. O grupo não apenas teria de ser público, mas também de diálogo aberto, ou seja, em que todos os participantes podem enviar mensagens, não apenas o(s) administrador(es). Outra conclusão foi de que quanto mais usuários reunidos no ambiente, melhor. Além disso, buscou-se também grupos que tivessem alguma diversidade regional entre seus membros. Para isso, foram descartados os que tinham algum elemento regional em seu nome, como grupos específicos de apoio ao então candidato ao governo de São Paulo Tarcísio de Freitas (Republicanos). Os números de Discagem Direta à Distância (DDD) dos membros também foram observados no intuito de garantir alguma representação regional diversificada.

Estabelecidos os requisitos previamente citados, foi iniciada a procura. Todos os links para ingresso em grupos foram adquiridos através de sites e páginas de Facebook pró-Bolsonaro. Vale mencionar que, ao menos nesta pesquisa, o Facebook se mostrou o terreno mais frutífero para o encontro com os links de grupos em questão. Nesse cenário, o pesquisador adentrou em uma série de grupos, certamente ao menos uma dúzia deles, e os filtrou seguindo seus critérios.

Enfim, foi selecionado definitivamente um grupo, nomeado “Vem que têm” e criado em julho de 2022 a partir de uma comunidade homônima no Facebook. A página de Facebook do “Vem que têm” possui 61 mil seguidores e a seguinte autodescrição: “Esta página é voltado ao pensamento da direita política, de total apoio ao Presidente Jair messias B” (sic). Já o grupo de WhatsApp contava com 91 membros no momento em que adentrado pelo pesquisador, tendo apresentado pouca variação na quantidade de membros ao longo do período de observação. Por sua vez, o grupo dispôs da mesma autodescrição durante os dois meses e meio de atividade, sendo ela: “Galera esse é o grupo da página vem que têm, seja bem vindos e fiquem a vontade pra fazerem postagens, obs: com o pensamento da direita conservadora, estamos junto por um Brasil melhor” (sic). Emoticons, como o da bandeira do Brasil, e o nome do criador do grupo, ambos presentes na citação, foram suprimidos por incompatibilidade com o formato deste documento e manutenção da privacidade do indivíduo.

Além do grupo de WhatsApp selecionado, também foi escolhido um canal bolsonarista no Telegram para ser acompanhado ocasionalmente, com a intenção de identificar diferenças e semelhanças entre a lógica de cada rede. O canal adentrado pelo pesquisador, chamado “Bolsonaro 2022”, possui dezenas de milhares de membros, aspecto que por si só já o diferencia radicalmente do que existe no WhatsApp, rede na qual, ao menos até o momento da pesquisa, havia um limite de 256 membros por grupo.

Quanto à questão da privacidade, não apenas dos indivíduos pesquisados mas também do pesquisador, tudo foi pensado de modo a ocultar qualquer dado capaz de identificar os envolvidos. Antes de entrar nos grupos, a foto de perfil e nome completo do pesquisador no WhatsApp e Telegram foram ocultados daqueles que não possuíam seu contato salvo em agenda telefônica. Assim, garantiu-se que os bolsonaristas não fossem capazes de o identificar por esses meios. Ao mesmo tempo, o nome de nenhum bolsonarista sequer foi salvo ao longo do período de observação. Partiu-se da premissa de que tal informação era irrelevante, visto que a identificação de usuários específicos já era possível através de seus números telefônicos. De todo modo, o presente artigo não revela tais números ou quaisquer outros dados de identificação dos pesquisados.

Por fim, para a análise da atividade dos grupos, todo o conteúdo neles enviado em geral foi monitorado em intervalos de alguns dias, a depender da disponibilidade do pesquisador. Com seu acompanhamento, anotações eventuais foram feitas a fim de registrar alguns dos achados mais intrigantes. Além disso, as mensagens de texto e áudio e parte dos arquivos de mídia (fotos e vídeos) enviados no grupo de WhatsApp foram exportados para o armazenamento em nuvem, de modo a preservar conteúdo. Com isso, esses dados

puderam ser analisados de mais maneiras, desde permitindo que trechos de mensagens fossem grifados até a contagem de palavras, por exemplo.

Resultado do monitoramento

Foram onze semanas de monitoramento do microcosmo bolsonarista no WhatsApp. No período, milhares de mensagens foram enviadas ou encaminhadas ao grupo, incluindo textos, imagens e vídeos. A predominância foi das mídias visual e audiovisual, que superaram em grande escala o volume de mensagens em texto. Como indicado por Ratier (2021), conteúdo autoral é comumente minoritário em ambientes digitais desse cunho. Imagens e vídeos enviados, em geral, não tiveram aquele que os enviou como seu autor, tratando-se de encaminhamentos. O caso é diferente quanto às mensagens em texto, com tanto não-autorais quanto autorais representando parcela substancial do total. Sobre essas últimas, vale destacar que a maioria consistiu em membros comentando conteúdo - frequentemente imagens ou vídeos - enviados por demais membros.

Um questionamento que surgiu em meio ao processo de idealização da pesquisa foi de qual é o propósito de grupos de apoio a Bolsonaro para aqueles que os compõem. A resposta pode parecer óbvia e simples em primeiro momento: a própria maneira através da qual os grupos são descritos (apoiar Bolsonaro). Entretanto, trata-se de algo complexo. No monitoramento realizado nesta pesquisa foi possível notar o desejo de parte dos membros de se informar sobre política num ambiente que considerassem ponderado e imparcial. Em sua visão, a mídia tradicional, tendo a Rede Globo como símbolo mor, seria tendenciosa para a esquerda política, quando não ao lulopetismo em si. Dessa maneira, parte dos membros do grupo bolsonarista procuravam informações que julgassem confiáveis. O que se nota, todavia, é a ultrapartidarização de narrativas. Tinham espaço apenas informações provenientes de fontes amadoras, como perfis de não-jornalistas em redes sociais ou sites que falham em se propor produtores de jornalismo equilibrado. Fato é que em momento algum Jair Bolsonaro foi acusado de ter cometido qualquer erro crasso ou ação mal intencionada, características que não são aplicáveis a nenhum ser humano, apenas a deuses ou demais seres mitológicos. Não à toa, para seus seguidores aguerridos, Bolsonaro não poderia ser algo além de um simples mito, como o chamam por vezes.

A partir desse cenário, conclui-se que uma das muitas funções possíveis para grupos como esse, no ponto de vista de seus membros, é a de reafirmação de supostas virtudes. Dessa maneira, os membros estariam voluntária ou inconscientemente se fechando numa das mais fortificadas “bolhas” que o mundo digital tem a oferecer. Se caracteriza assim uma espécie de clube onde é preciso ter uma visão ideológica muito particular para ser incorporado. Nesse sentido, destaca-se o fato de que infiltrados, ou críticos ao

bolsonarismo, que são descobertos nesses espaços são rapidamente removidos, como observado no presente estudo. A intenção não poderia ser outra que não fechar a cerca que limita a convivência com a alteridade, com os "outros".

A demarcação do “outro” se mostrou particularmente presente ao longo do acompanhamento das conversas. Notoriamente, a divisão entre “nós” e “eles” (outros) é uma das principais características do autoritarismo, do populismo e do fascismo. No caso da nova direita brasileira, e especialmente no contexto das eleições presidenciais de 2022, os “outros” são Luiz Inácio Lula da Silva, ex-presidente (2003-2010) e então candidato de oposição; o petismo; a esquerda política e todo aquele que é considerado demasiadamente crítico ao presidente Jair Bolsonaro; em ordem decrescente de especificidade. Quanto menos específica a definição do “outro”, maior o espaço para julgamentos arbitrários. Afinal, o quão crítico de Bolsonaro é preciso ser para ser considerado "demasiadamente crítico"? Por parte dos bolsonaristas pesquisados, não há resposta única, apesar da tolerância para com a crítica sempre habitar um campo bastante estreito.

Em meio à mitificação da figura de Jair Bolsonaro e ao uso do espaço do grupo a fim de reafirmar valores, notou-se também a carência de discussões propositivas acerca de políticas públicas, algo que se esperaria de um grupo de conteúdo político. Manifestações de apoio ou rechaço a determinadas pautas; sempre realizadas de maneira superficial, sem que o tema em questão seja complexificado; frequentemente se deram atreladas a figuras, como o presidente Bolsonaro e o ex-presidente Lula. A partir de ações ou falas dessas personalidades, eram feitos comentários positivos ou negativos. Quando apresentavam valoração clara, sempre positivos em relação a Bolsonaro e sempre negativos em relação a Lula. Assim, temas que usualmente ganham destaque em períodos eleitorais, como Educação, Saúde e Desigualdade Social, foram pouco discutidos, e nunca com profundidade. O tema da criminalidade no Brasil foi levantado uma série de vezes, certamente múltiplas vezes por semana, mas a fim de atrelar Lula à ela e desvencilhar-lá de Bolsonaro. Tal tática também ocorreu sempre de maneira superficial, como apelidando o ex-presidente de “luladrão” sem dar explicações.

Por mais que se tratasse de um grupo pró-Bolsonaro, o aspecto anti-Lula, anti-PT e anti-esquerda se fez tão ou mais presente. Como resultado, o grupo foi utilizado como uma espécie de repositório de paixões, seja o amor a Bolsonaro ou o ódio a Lula e às demais forças de esquerda do país. Atrelada a essa faceta emocional, a religião se apresentou como elemento chave da lógica expressada pelos usuários. O uso do léxico religioso foi comum nas conversas monitoradas, de maneira que os conceitos de Deus, divino e profano poderiam ser sacados a qualquer momento, em qualquer discussão, num grupo centralizado na política. Lula, nas

manifestações dos pesquisados, era frequentemente atrelado ao profano, ao mal maior a ser combatido em nome da preservação da decência humana. Não à toa, era constantemente atrelado ao crime. Em determinado momento, um usuário falou textualmente em “artimanhas satânicas da esquerda”, corroborando com essa tese. Além das acusações de corrupção de seu histórico, registradas no sistema judicial, casos recentes como seu uso de um boné com a abreviação CPX, referente a Complexo, foram espetacularizados. A simples visita do ex-presidente ao Complexo do Alemão, onde usou o boné, se tornou, na narrativa bolsonarista, um encontro com líderes do tráfico. A suposição enganosa em questão chegou a ser utilizada pelo então candidato Bolsonaro no último debate do segundo turno, na Rede Globo.

O episódio acima descrito, emblemático do modus operandi bolsonarista presenciado na pesquisa, evidencia a maneira como tal grupo tratou seus oponentes durante a campanha eleitoral de 2022. A desinformação foi uma ferramenta recorrente. Alegações a respeito da posição de Lula sobre o aborto, a legalização de drogas e sua ligação com regimes ditatoriais de esquerda foram alguns dos pontos onde mentiras se proliferaram. Independente do assunto em questão, o que praticamente todas as alegações feitas sobre Lula têm em comum é que consistem em tentativas de atrelar o petista ao profano e ao caos social. Por outro lado, e também segundo os pesquisados, Bolsonaro seria o mais próximo de um anti-Lula no contexto da eleição, ou seja, ligado ao divino, à moral e aos bons costumes. Nesse sentido, o caráter maniqueísta do que foi expressado pelos bolsonaristas do grupo se faz claro.

A fim de oferecer um retrato sintético do teor do conteúdo encontrado no grupo de WhatsApp, de modo a contextualizar os achados apresentados na pesquisa, peças infográficas foram elaboradas. Primeiro, uma nuvem de palavras com os termos mais utilizados pelos bolsonaristas ao longo de todo o monitoramento, com o tamanho representado a frequência. Segue:



Com a informação visual apresentada acima, algumas questões valem ser constatadas. As palavras mais usadas, Facebook e Kwai-video, apresentam tamanha frequência por conta dos diversos conteúdos provenientes dessas plataformas enviados ao grupo. Nota-se assim o caráter fortemente multimídia da rede de troca de mensagens instantânea de mensagens. Além de Facebook e Kwai, rede de publicação de vídeos, a menção a plataformas, como Youtube e Instagram, e recursos hoje tipicamente digitais; como “share”, “reel”, “story”, etc; corroboram com esse contexto. Já as menções ao PL (Partido Liberal, através do qual Bolsonaro concorreu à Presidência) se devem em maior parte à propaganda eleitoral de diferentes candidatos enviada por usuários. Por razão de contextualização, vale dizer que a palavra “alexandre” foi sempre utilizada em referência ao ministro Alexandre de Moraes, que presidiu o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) durante a eleição, uma das figuras mais odiadas pelos membros do grupo.

Atrás de Lula, Moraes foi um dos principais alvos de ataques na comunidade online. As tomadas de decisão de Moraes enquanto garantidor da lisura do processo democrático foram mal recebidas pelos pesquisados. A exemplo disso, está a retirada do ar de programas eleitorais de Bolsonaro, fato encarado como autoritário e inconstitucional. Tal percepção acerca de Moraes e do TSE foi explorada de diversas maneiras, vide charges como as apresentadas abaixo.



Como mencionado previamente, o pesquisador também adentrou num canal de Telegram de apoio ao presidente Bolsonaro. Devido ao volume de conteúdo monumental enviado por bolsonaristas via Telegram durante os mais de 70 dias de monitoramento, a experiência com o canal tomou um papel menor, voltado à comparação com o presenciado no grupo de WhatsApp.

Os contrastes entre as duas plataformas podem ser atribuídos à maneira como cada uma opera. O Telegram não limitava a quantidade de membros de cada canal, em oposição ao WhatsApp, que permitia até 256 membros por grupo até o momento da pesquisa. Dessa maneira, o grupo de WhatsApp monitorado não passou de 100 membros, enquanto o canal de Telegram escolhido para a comparação chegou aos 75 mil membros ao fim da pesquisa. Essa diferença numérica abissal altera a maneira como tais membros interagem. No WhatsApp, houveram trocas de caráter mais pessoal entre os participantes. Certas pessoas conheciam outras por nome e mencionaram conversas passadas que haviam tido. Assim, a rede se aproxima mais da definição de comunidade, em que há alguma afinidade emocional entre os envolvidos. O mesmo não ocorreu no Telegram. Esse último aplicativo mensageiro se mostrou mais próximo de uma ferramenta de propagação massiva de informações, atingindo escala inalcançável ao WhatsApp. Entretanto, como a pesquisa se centra no entendimento da lógica bolsonarista, a maneira como o grupo em questão interagiu com os fatos, o WhatsApp se provou mais frutífero para a análise.

Uma série de eventos marcaram a última campanha eleitoral, uma das mais violentas da história. Desde ritos comuns, como a sabatina de presidentiáveis no Jornal Nacional, até casos de estímulo ao autoritarismo, como o dia do bicentenário da Independência e a contestação do resultado do pleito. Alguns episódios

despertaram o entusiasmo do grupo de WhatsApp mais do que outros, que não reagiu de maneira absolutamente ordenada em todos eles, mas nunca rompendo com o apoio a Bolsonaro.

Mesmo que o período eleitoral tenha começado oficialmente no dia 16 de agosto, foi no dia 22 daquele mês que a atividade no grupo de WhatsApp despontou. Trata-se do dia da sabatina de Jair Bolsonaro ao Jornal Nacional, o primeiro candidato a ser entrevistado pelo jornal neste ano. Naquele momento, o volume de mensagens se intensificou e seu conteúdo era uníssono: exaltação da figura de Bolsonaro, com membros se referindo a ele como “meu presidente”, e crítica ferrenha aos que eram vistos como seus opositores, a Rede Globo e os entrevistadores. Foi sugerido que William Bonner e Renata Vasconcellos fossem uma dupla de esquerdistas simpáticos à agenda do candidato Lula. Na lógica do bolsonarismo pesquisado, o quadro apresentado é motivo para “linchamento virtual”. Memes rapidamente tomaram conta da conversa. Fenômeno semelhante ocorreu três dias depois, com a sabatina de Lula. Bonner e Vasconcellos também foram tratados com desdém e agressividade, de maneira semelhante a Lula. A velocidade com que memes foram produzidos chamou atenção. Antes que a sabatina do petista fosse encerrada, montagens dos jornalistas usando bonés do PT já circulavam no grupo.

Outros fatos ocorridos ao longo da campanha fugiram do ordinário em comparação com pleitos anteriores. Foi o caso do bicentenário da Independência do Brasil, no dia sete de setembro. Como exposto exaustivamente pela mídia, a data comemorativa foi marcada por atos políticos que nada tinham a ver com o marco histórico. O dia em questão foi marcado por uma série de manifestações bolsonaristas e/ou golpistas em grande parte do país. O grupo de WhatsApp corroborou para com as narrativas expostas. A exaltação à figura de Bolsonaro mesclada a certo ufanismo permeou a plataforma de mensagens com intensidade acima do padrão. Não houveram quaisquer críticas a fatos amplamente criticados na mídia e pela parcela não-bolsonarista da sociedade, como o coro de “imbrochável” em Brasília ou dizeres golpistas, mesmo que pontuais.

Passado mais de mês, ocorreu o primeiro turno da eleição presidencial. As expectativas dos membros do grupo quanto ao que aconteceria não estavam alinhadas. O clima geral era de franco otimismo, mas seu grau diferia consideravelmente de bolsonarista para bolsonarista. Um deles, por exemplo, acreditava que Deus interviria de modo a garantir a eleição de Bolsonaro, assim, estava convicto de que a vitória viria. Outra usuária demonstrou apreensão ao longo do processo de contagem dos votos. Por mais que estivesse otimista, temia o que considerava o pior, uma derrota no primeiro turno. Sagrado o resultado, com Lula em primeiro, mesmo que não tendo ganho já naquele dia, e Bolsonaro em segundo, começaram as teorias conspiratórias.

Esse consiste no melhor termo porque as alegações apresentadas simplesmente não eram acompanhadas de fundamentação de qualquer tipo. Alguns disseram que houve a tentativa de fraudar a eleição a fim de dar a vitória em primeiro turno a Lula, o que teria sido evitado pelo exército. Surgiram também acusações de que parte dos votos de Lula vinham de brasileiros mortos, configurando fraude.

Na tentativa de justificar o que entendiam como inverossimilhança do resultado, alguns dados foram utilizados como argumentos pelos bolsonaristas. Foi mencionado que a reeleição de Romeu Zema (Novo) ao governo de Minas Gerais acompanhada da vitória de Lula no estado não era factível. Outro membro citou o fato de o PT ter reservado o espaço da Avenida Paulista para a comemoração do resultado como um indicativo de que o partido já via a vitória como garantida, pois teria fraudado a apuração.

Como é sabido, nem tudo foi perdido para o bolsonarismo no primeiro turno das eleições de 2022, com a vitória de uma massa expressiva de candidatos do campo em vagas ao Congresso Nacional. Quanto a esse fenômeno, o grupo de WhatsApp se alegrou, mesmo esse resultado sendo dependente da eleição presidencial supostamente fraudada. Uma usuária tentou acalmar o grupo quanto ao desempenho de Lula citando as vitórias de aliados de Bolsonaro no Senado. Na esteira desses acontecimentos, foi mencionado também que a Rede Globo, mais especificamente a GloboNews, estava em clima de velório devido às eleições à Câmara e ao Senado, enquanto a Jovem Pan não, o que, na visão dos membros do grupo, a conferia credibilidade jornalística.

Outra questão foi aflorada com o primeiro turno das eleições, a relação do bolsonarismo com a região Nordeste. Nisso, a reação do grupo de mensagens foi dúbia. Num primeiro momento, críticas à região dominaram a conversa, com ela sendo chamada de “Cuba do Sul”. Entretanto, foi levantada a questão de que, se as urnas haviam sido fraudadas, não havia porquê culpar o Nordeste de um falso crime. Após esse dia, críticas ao Nordeste se deram de maneira pontual e apenas por alguns indivíduos, indicando que o tema é espinhoso para o grupo político em questão.

Além da relação do bolsonarismo com o Nordeste, um crime ocorrido durante o período eleitoral também causou ruído na narrativa do grupo de WhatsApp. Trata-se do caso Roberto Jefferson (PTB), do dia 23 de outubro de 2022. Até pouco aliado de Bolsonaro, Jefferson praticou atos de violência gravíssima e explícita contra figuras caras ao bolsonarismo, policiais. Jefferson alegou estar se protegendo do autoritarismo do Estado, que estaria cerceando suas liberdades, uma pauta com a qual o bolsonarismo tende a se identificar. Já os policiais foram à residência do ex-deputado a fim de cumprir um mandato de prisão expedido por

Alexandre de Moraes, desafeto do bolsonarismo. Os múltiplos ingredientes desse fato foram causa de confusão para os pesquisados. Por um lado, um então aliado de Bolsonaro estava descumprindo uma ordem de Moraes, que cerceava sua liberdade. Por outro, o fez atirando balas e granadas contra guardiões da ordem social, os policiais.

Num primeiro momento, as manifestações foram de apoio ao ex-deputado. Um vídeo de um bolsonarista fluminense convocando seus pares para ir até a casa de Jefferson, defendê-lo, circulou na rede. Tudo indica que a repercussão midiática do episódio, fortemente repudiado quase universalmente devido a seu teor e nível de violência, ocasionou em uma mudança na narrativa. A partir dessa repercussão, o presidente Jair Bolsonaro gravou um vídeo condenando enfaticamente as ações de seu ex-aliado, caracterizando-as como injustificáveis. Há razão para crer que esse posicionamento do presidente foi responsável por calibrar sua base. Seus seguidores apresentavam posicionamentos dispersos, em que se destacavam o apoio e a omissão. Uma vez que a posição oficial do líder foi ao ar, o grupo abandonou o assunto por completo. Até então, era o fato do dia. Após o presidente rechaçar as posições apresentadas no grupo, se tornou uma espécie de tabu, como se quisessem esquecer o que aconteceu.

Encerrando os ritos oficiais referentes à eleição presidencial e uma semana após o caso de Roberto Jefferson, foi conduzido o segundo turno da votação. Antes do fechamento das urnas, a maioria dos membros do grupo que se manifestaram indicaram estar animados com o acontecimento. Como no primeiro turno, mensagens como “Acabo de ir votar. Vocês já foram?” começaram a aflorar, além de algumas fotos de pessoas nas cabines de votação - o que é proibido pela legislação eleitoral - e com o candidato Bolsonaro selecionado. Alguma apreensão chegou a penetrar a rede. Uma mulher enviou um áudio dizendo estar apreensiva e que não sabia o que faria se Lula ganhasse. Outro usuário a tranquilizou, dizendo que essa possibilidade era impossível.

O grupo se manifestou pouco ao longo da apuração, todos pareciam estar concentrados nela. Entretanto, ao fim da contagem, o tom da conversa se enveredou totalmente. Uma série de sentimentos entraram em cena: desilusão, incompreensão, raiva, revolta e, acima de tudo, luto. Eleitores de Lula foram descritos como ignorantes, que não sabiam o que estavam chancelando com seu voto. Ao mesmo tempo, com Lula sendo visto pelo recorte em questão como um criminoso da pior espécie, a ideia de que o crime compensa no Brasil ganhou força. Para parte dos internautas daquele espaço, o povo havia elegido um ladrão ao cargo mais alto da República. Paralelamente, uma parcela dos membros ficou em estado de completa incompreensão. Na

noite da eleição, a possibilidade de ter havido fraude eleitoral foi pouco levantada, mas alguns mostraram certeza de que a derrota de Bolsonaro não fazia qualquer sentido, sem que uma fraude fosse a explicação.



Tradicionalmente, candidatos derrotados em eleições presidenciais ligam para o vencedor logo após a divulgação do resultado, a fim de parabenizá-lo. Como é de conhecimento de quem acompanhou o último processo eleitoral, isso não ocorreu dessa maneira. Assim, devido a incerteza a respeito de qual seria a postura de Bolsonaro e, conseqüentemente, de sua base frente ao resultado, a pesquisa se estendeu por mais dois dias, até que o incumbente se manifestasse.

Ao longo desses dois dias, atos golpistas tomaram conta de uma série de estradas e espaços públicos brasileiros. Não reconhecendo o resultado das urnas e clamando por uma intervenção federal, bolsonaristas saíram às ruas com a crença de que poderiam influir na sucessão do atual mandatário. A atividade do grupo de WhatsApp teve dois aspectos de destaque nesse período. Em primeiro lugar, parte dos usuários ficou acuada com o recado passado pela eleição, de que sua tendência política não é majoritária. Como consequência, pararam de se pronunciar pela rede. Com isso, a quantidade de usuários ativos diminuiu, mas o espaço continuou sendo alimentado de conteúdo. Os falantes que restaram o fizeram em grande medida por aderência à agenda dos atos pelo país. Foram encaminhadas informações sobre o local e horário de eventos golpistas em diversas regiões, além de outras falas de incentivo.

No mesmo recorte temporal, abriu-se um amplo espaço para a concepção de teorias conspiratórias a respeito de qual seria o futuro da Presidência da República. A possibilidade mais assertiva contra a volta de Lula ao poder era de um golpe militar, pura e simplesmente. Chegou a circular a informação de que os militares

pretendiam tomar o poder interinamente, até que a situação fosse resolvida, a fim de preservar a ordem. A segunda possibilidade era de que uma prova da suposta fraude seria achada, levada a público e, por consequência, anularia a eleição. Os militares também desempenharam um papel fundamental nessa narrativa, uma vez que o relatório das forças armadas sobre a eleição, que até então não havia sido divulgado, era a maior esperança dos bolsonaristas nesse sentido.

Episódio final: o golpismo vive sem rechaço do presidente da República

O dia primeiro de novembro de 2022 marca a conclusão do monitoramento. Nesse dia, Bolsonaro se manifestou sobre o desfecho da eleição após atraso de dois dias. Em seu discurso, criticou táticas utilizadas pelos manifestantes de extrema-direita, que ele disse se assemelhar às táticas da esquerda. O discurso foi breve, com menos de três minutos, sem entrar em detalhes tanto da eleição - as palavras derrota ou vitória não foram mencionadas - quanto das manifestações golpistas. Assim como a fala do presidente, a reação do grupo foi pouco expressiva.

Horas antes do pronunciamento de Bolsonaro, um membro enviou o seguinte posicionamento: Tem que ir às ruas pra fazer o que o povo de 64 fez. O povo de 64 foram as ruas para lutar de verdade pelo Brasil. E não para tirar foto e postar nas redes sociais” (sic); indicando que o apoio aos atos estava em alta. Corroborando com essa tese, outro usuário divulgou sugestões de como a comunicação dos manifestantes deveria ser: “Nosso pedido não pode ser intervenção militar. É para pedir INTERVENÇÃO FEDERAL” (sic); a fim de abrandar o tom dos eventos. O mesmo usuário também recomendou que se falasse em pátria nos atos, não em Bolsonaro, de modo a dar mais credibilidade às demandas apresentadas. Já nas horas que seguiram o pronunciamento de Bolsonaro, poucas mensagens comentando o fato foram enviadas.

De maneira semelhante ao caso Roberto Jefferson, o posicionamento de Bolsonaro não veio em linha com o que estava sendo pregado por seus seguidores, de modo a gerar algum ruído. Entretanto, a percepção do grupo não foi de que sua causa era inválida, até porque Bolsonaro não disse isso. Apenas condenou brevemente a *maneira* como o golpismo estava sendo conduzido. Com isso, as únicas mensagens sobre o pronunciamento enviadas naquele dia foram: “Gente, é verdade que vão liberar a BR? Porque nós temos que continuar lutando pelo nosso direito.” e “Outra sugestão: deixar um corredor, para que transportes com cargas necessárias e urgentes passem sem prejuízos a ninguém”. Com isso, fica evidente que a fala de Bolsonaro não foi suficiente para desmobilizar sua base aguerrida, que não deixou de defender os atos da noite para o dia.

REFERÊNCIAS

SANTOS, Fabiano; TANSCHKEIT, T. . **Quando velhos atores saem de cena**: a ascensão da nova direita política no Brasil. Colombia Internacional, 2019.

RATIER, Rodrigo. **Pedagogia da ameaça**: uma análise dos padrões comunicativos de socialização no WhatsApp bolsonarista. Revista Espaço Pedagógico, 2021.

SANTOS, João; FREITAS, Miguel; SANTOS, Alessandra; CUNHA, Vanessa. **WhatsApp, política mobile e desinformação**: a hidra nas eleições presidenciais de 2018. C&S, 2019

STANLEY, Jason. **Como Funciona o Fascismo**: a Política do “Nós” e “Eles”, 2018.

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda**: razões e significados de uma distinção política, 1994.

RATIER, Rodrigo. **Império Opaco**: Mapeamento da Expansão da Rede Bolsonarista no WhatsApp. Verbum, 2020.

PIAIA, Victor; ALVES, Marcelo. **Abrindo a Caixa Preta**: Análise Exploratória da Rede Bolsonarista no WhatsApp. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, 2020.

NEGRI, Camilo; IGREJA, Rebecca; PINTO, Simone. **“It happened in Brazil too”**: the radical right’s capture of networks of hope. Cahiers des Amériques Latines, 2019.

CESARINO, Leticia. **Como vencer uma eleição sem sair de casa**: a ascensão do populismo digital no Brasil. Internet & Sociedade, 2020.

ROCHA, Bruno; KLEIN, Júlia. **A mobilização digital através das redes sociais**: a frágil estrutura que possibilita uma janela de oportunidades aproveitada pela nova direita no Brasil. Revista Eptic, 2018.

CHAGAS, Viktor; MODESTO, Michelle; MAGALHÃES, Dandara. **O Brasil Vai Virar Venezuela**: Medo, Memes e Enquadramentos Emocionais no WhatsApp Pró-Bolsonaro. Esferas, 2019.